

EMPODERAMENTO DA PERSONAGEM JACIRA EM A MÃE... empoderamento de personagens femininas como forma de transgressão

Elane da Silva Plácido*
Roniê Rodrigues da Silva**

Resumo

O presente artigo objetiva discutir o empoderamento feminino como forma de transgressão a partir da leitura crítica de duas personagens do romance *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas*, publicado em 2002, de Maria José Silveira. Contempla-se por meio da análise referenciar a forma de representação das mulheres que transgridem a certas normas que devem ser seguidas, principalmente quando se trata do gênero feminino. Além de remeter a busca de identidade, abordaremos os discursos literários sobre a autodefinição, o autoconhecimento e a reconstrução de uma imagem positiva da mulher que passa a ser o sujeito da diferença com vez e voz na literatura. No desenvolvimento deste artigo, destacam-se as considerações de Butler, (2016) e dos apontamentos de Leon (1997) e Tereza & Leal (2002) sobre a transgressão dessas personagens ressaltando como as mulheres aparecem como figuras insubmissas. Como resultado, sobressaem aspectos relevantes sobre o empoderamento e transgressão através do contexto em que vivem, desmistificando o pensamento de idealização e destacando a mulher com um papel importante quando assume uma identidade a partir de um contexto provocado através do empoderamento.

Palavras-chave: Literatura; Personagens femininas; Empoderamento; Transgressão.

Abstract

This article aims to discuss female empowerment as a form of transgression based on the critical reading of two characters in the novel *The mother of the mother of her mother and daughter*, Maria José Silveira, published in 2002. It is contemplated by the reference analysis. to the form of representation of women who transgress to certain norms that must be followed, especially when it comes to the feminine gender. In addition to referencing the search for identity, we will approach the literary discourses about self-definition, self-knowledge and reconstruction of a positive image of the woman that becomes the theme of difference with time and voice in literature. In the development of this article, we highlight the annotations of Butler (2016) and Leon (1997) and Tereza & Leal (2002) on the transgression of these characters, highlighting how women appear as in submissive figures. As a result, relevant aspects on empowerment and transgression have been highlighted through the context in which they live, demystifying the idea of idealization and highlighting women with an important role when they assume an identity from a context brought about by empowerment.

Keywords: Literature; Female characters; Empowerment; Transgression.

* Mestra em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN). E-mail: helayne11@hotmail.com.

** Pós-doutorando (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB). Professor do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: rodrigopinon2014@gmail.com.

Introdução

As questões relativas ao empoderamento feminino têm sido muito abordadas no campo dos estudos literários. A palavra “empoderamento”, um neologismo do inglês, tem sido bastante usada pelo movimento feminista, mesmo sendo um vocábulo ainda não dicionarizado no vocabulário português. Hermany e Costa (2009) abordam que a temática do empoderamento não é nova. O marco histórico que trouxe a notoriedade do que expressa o termo pode ser vislumbrado no século XX, principalmente em decorrência dos movimentos sociais empreendidos nos Estados Unidos da América, como o movimento negro (Black Movement). Nesse contexto, o empoderamento começou a ser utilizado como sinônimo de emancipação social, em que a autoestima dos membros dos grupos sociais era ampliada. Considerando isso, este artigo surge a partir do ponto de vista do empoderamento como forma de autonomia e transgressão das personagens, que rompem com determinadas regras impostas pela sociedade, combatendo o patriarcado e outras normas tradicionalmente seguidas pelas mulheres. Nesse intento, destacamos em nossa análise duas personagens que se enquadram no aspecto de uma possível transgressão com uma identificação estigmatizada para a figura feminina. As personagens são: Maria Taiaôba e Jacira Antônia as quais conseguem, ao longo de suas histórias, ultrapassar as regras impostas pela sociedade ao sujeito mulher, mostrando-se independentes. O objetivo deste artigo é destacar as personagens com autonomia própria num momento em que a mulher não podia ter expressão particular. No romance de Silveira, observa-se que essas personagens não se deixaram ocultar por uma possível inferioridade relacionada ao gênero, afastando até mesmo certos tipos de ideologias como a visão de mulher exemplar.

Maria Taiaôba e o perfil de mulher independente

A personagem cognominada Maria Taiaôba é exemplo de mulher que não é considerada dependente, por agir com autonomia. Tentando se manter livre de influências patriarcais, ela se destaca por assumir e desenvolver o engenho de açúcar sozinha, logo após a viuvez. Desse

modo, assume o papel do esposo falecido, como acontecia com algumas mulheres que perdiam seu marido. Contudo, o leitor atento percebe que já é da personalidade de Maria Taiaôba ser um sujeito diferenciado, com uma identificação singularizada em relação às outras mulheres. Esse fato é observável quando o narrador destaca, por exemplo, que: “com a guerra e a invasão, muitas mulheres tinham assumido papéis que antes eram restritos aos homens, mas nem todas tinham a inteligência e o tino de Maria” (SILVEIRA, 2002, p. 97).

A personagem, apesar de ser muito jovem, soube assumir com vigor todas as suas responsabilidades para com o engenho e com a filha, tornando-se assim referência como destacam Tereza & Leal (2002, p.14) acerca de outras mulheres na mesma situação: “uma vez viúvas, as mulheres passam a ser a referência do domicílio, vivendo com os filhos ou sozinhas”. Ao tornar-se uma mulher de negócio, Taiaôba passa a tomar todas as decisões precisas para o progresso do açúcar:

Maria viúva era agora responsável pelo engenho. O feitor, homem de confiança de Duarte, continuava como braço direito, mas era ela quem saía para negociar o açúcar com os holandeses da Companhia das Índias Orientais, e era quem tomava todas as decisões. Inteligente, observadora, aprendia rápido e não se deixava enganar. Logo descobriu que gostava de fazer negócios e que sabia fazê-los bem. Seu estilo não era de grandes apostas e riscos, e sim o de jogar no certo e seguro. Não ganhava somas vultuosas de uma vez, mas ganhava sempre, e em pouco tempo tinha conseguido maiores lucros do que velhos negociantes de açúcar que se julgavam espertos demais. Ficou conhecida pelo jeito prático de fazer negócio, pela maneira gentil de tratar as pessoas, pelo olhar descomplicado e franco. (SILVEIRA, 2002, p. 97).

A forma de a personagem lidar com os negócios a leva a ter maior independência econômica, fazendo-a obter novas oportunidades de interação com outras pessoas, até mesmo estrangeiros. A partir dessa disposição para os negócios, passa a progredir financeiramente, fato que ajuda na sua autodeterminação. Pode-se observar que o acesso das mulheres ao trabalho remunerado traz uma maior sensação de autossuficiência e maior poder.

É isso que acontece com Maria Taiaôba ao desenvolver de forma objetiva e prática seus projetos dentro do engenho, a sensação de ganhar cada vez mais, sempre através dos lucros, e a sua forma em negociar dá a ela certo empoderamento. De acordo com Leon (1997, p. 23), “o empoderamento compreende um processo da

conquista da autonomia por parte das mulheres que tem aspectos tanto coletivos como individuais”.

De acordo com Sen (2004), desenvolver o potencial feminino para auferir renda dentro ou fora do lar torna-se uma condição positiva que fortalece sua voz ativa e a sua condição de agente, desdobrando-se em independência e ganho de poder, corroborando para a prosperidade da família, além de tornar a mulher menos dependente de outros. Nesse caso, é como se a personagem representasse uma evolução da constituição identitária da mulher ao longo dos tempos e que, de certa maneira, destoa de uma imagem tradicional:

Maria nunca teve religião nem quem lhe reprimisse ou impusesse muitas regras. Ao lado da Velha e sob a proteção do pai, aprendeu a viver de maneira diferente, mais livre que o habitual, acreditando em si mesma e em seus instintos. Sua experiência tocando o engenho e negociando o açúcar enriquecera muito seu conhecimento das coisas da vida. (SILVEIRA, 2002, p. 106-107).

Percebe-se através da citação acima a autonomia da personagem, a sua autossuficiência e experiência alcançada com as negociações realizadas através do engenho. Além disso, sua transgressão é observada quando não se submete a nenhum tipo de regra que lhe impeça de colocar em prática suas intenções.

Esse modo da personagem em ter a consciência do seu próprio progresso pode ser visto como forma de empoderamento feminino, como observa-se através da citação crítica: “O aumento da consciência nas mulheres possibilitou o desvelamento das suas diversas identidades (das mulheres) e, conseqüentemente, a obtenção de autonomia, de individualidade e emancipação”. (GONÇALVES, 2008, p. 27).

Um aspecto importante a destacar sobre essa personagem é que apesar de ser viúva duas vezes, nunca se importou com determinados costumes impostos pela sociedade, isso caracteriza um perfil identitário independente e transgressor, observado em uma das passagens do texto quando o narrador observa que: “Sem se importar com os costumes que nunca foram seus, Maria não usava trajes de viúva.” (SILVEIRA, 2002, p. 84).

Através dessa postura é possível reconhecer na personagem suas possibilidades pessoais em contraste com os costumes sociais, além de sua capacidade de enfrentar regras impostas pela sociedade e sair delas de

maneira prática. Esse comportamento de autoconfiança é expresso pelo pensamento de Kleba e Wendausen (2009), quando destacam que, no nível pessoal ou psicológico, um dos aspectos centrais é a percepção do sujeito de suas próprias forças e esta consciência leva à mudança de mentalidade resultando em um comportamento de autoconfiança.

Outra característica que nos permite relacionar o comportamento de Maria Taiaôba com o de uma mulher que se comporta com liberdade e não se deixa influenciar por algo ou alguém é a forma de lidar com seus relacionamentos sem apego e cobranças. Assim, relacionava-se com quem queria, até nesse aspecto, ela era livre:

Maria era uma mulher especial. Natural e livre, como sempre foi, se alguém falasse à sua sensualidade. E se ela assim quisesse, podia deixar que as coisas seguissem até algum lugar no bosque, mas não além. Viúva duas vezes e mais preocupada com a filha do que consigo mesma, não queria pensar tão cedo em outro casamento. (SILVEIRA, 2002, p. 98).

A maneira da personagem se comportar diante do homem contraria uma condição de subalternidade tradicionalmente atribuída à figura feminina. Além disso, ela faz a sua própria caminhada, garantindo, assim, sua liberdade, o controle do seu corpo e da sua sexualidade e o seu direito de igualdade. Isso representa um desafio em meio a relações de poder e provoca processos de mudanças desenvolvendo dessa maneira uma identidade transformadora, como destacamos através da assertiva:

A possibilidade de sustentar a própria identidade vai ampliando a autonomia das mulheres, que se sentem mais seguras, com coragem para ousar, para se lançar mais e perder o medo. Essas novas posturas assumidas pelas mulheres permitem-lhes intenso crescimento pessoal, dando-lhes visibilidade profissional e condições para disputarem posições sociais e ou políticas com os homens em níveis de igualdade. Além disso, sustentam a certeza de que suas conquistas pessoais e profissionais, associadas ao fato de serem mulheres e de terem rompido várias barreiras para sua realização, tem maior valor. (GONÇALVES, 2008, p. 103).

Ao longo da história, a habilidade de Maria Taiaôba para os negócios cresce ainda mais quando migra de Recife para Salvador. Na Bahia, esta mulher de vivacidade natural, com temperamento decidido e prático, aluga uma taverna e passa a viver não mais do açúcar, mas sim do aluguel de escravos. Ela consegue

fazer da taverna um ambiente muito frequentado por todos os tipos de homens intelectuais, músicos e poetas:

Tinha dinheiro suficiente para viver bem e sem trabalhar, se quisesse, deixando os escravos trabalharem para ela, mas seu espírito independente e dinâmico fez com que tomasse para si a administração da taverna. Seu jeito inteligente e livre fascinava muitos homens. E, embora não pensasse mais em se casar, não tinha problema nem vacilações quando lhe dava vontade de dividir seu leito com os homens que a atraíam (SILVEIRA, 2002, p. 107).

Observamos através do texto literário a representação de uma sexualidade liberta de formas de preconceito que tradicionalmente aprisionam algumas mulheres. Desse modo, Maria Taiaôba quando gosta de alguém não demonstra nenhuma dificuldade em se relacionar com os homens. Esse perfil de mulher que se relacionava com muitos homens sem ser casada nunca foi aprovado pela sociedade. Contudo, a personagem não se importava com o que as pessoas falavam, fazia parte de sua característica desobrigada de qualquer tipo de compromisso.

A questão da sexualidade pode ser vista também pela personagem como forma de transgressão e de insubmissão, é como se fosse uma reação ao domínio imposto à figura feminina ao longo dos tempos. Nesse sentido Araújo, (2015, p. 65) destaca que:

Pretendia-se controlar a sexualidade feminina de várias formas e em diversos níveis. As mulheres, então, ou se submetiam aos padrões misóginos impostos, ou reagiam com o exercício da sedução (também de várias formas e em diversos níveis) e da transgressão.

A transgressão das mulheres contra a submissão desenvolveu-se a partir da sua própria consciência em romper com certas aversões e preconceitos enraizados na sociedade. É o caso de Maria Taiaôba por possuir uma vida independente, ajuda a quebrar preconceitos de gênero ao se conscientizar do seu lugar na sociedade.

O empoderamento de Jacira Antônia

A história da personagem Jacira Antônia acontece no século XVIII, época em que a situação da mulher é

concebida como inferior ao homem, desta forma, entendida como indivíduo-objeto, que servia somente para agradar ao outro.

O romance registra, portanto, por meio da história dessa personagem um contexto social de discriminação do homem contra a mulher por atribuir ao masculino um *status* de poder e ao feminino um lugar de subordinação, isso implica as desigualdades por considerar a mulher como incapaz, inferior e sem vontade própria. Contudo, mesmo numa época completamente desfavorável ao sujeito mulher, observamos a transformação de Jacira, podendo destacar dois momentos que caracterizam uma transformação de sua identidade.

O primeiro refere-se à adolescência quando ela é descrita como uma menina frágil, emotiva e amorosa. E o segundo momento é quando a personagem se destaca por assumir um perfil de mulher diferente do descrito no início da narração. Desta forma Jacira é apresentada ao leitor como decidida, competente no que fazia e autoritária, com uma força interior que buscava transcender o conhecimento básico das coisas ao seu redor.

A construção da personagem como dona de uma personalidade forte e marcante, que sabe criar saídas em situações difíceis, é constatada em vários momentos da obra. Esse perfil atribuído à Jacira é desenvolvido pela transição de seu comportamento, assim mesmo estando dentro de um casamento em que devia respeito ao esposo, ela tomava decisões e ordenava afazeres na fazenda. Mas, isso só é possível quando ela desperta em si a consciência de seu poder de ganhar através de estratégias próprias, desta forma percebe que seus servidores são completamente dependentes dela.

O agir de acordo com seu pensamento e preferências pessoais é um exercício de poder desenvolvido pela personagem. Dentro dessa perspectiva, emerge um sujeito feminino não mais como objeto, mas como sujeito da ação, pois a identidade centrada no seu objetivo possibilita a formação da sua opinião que é concretizada através dos momentos narrativos, relacionados à identificação da personagem com o poder como pode ser observado na citação abaixo:

E então com sua calma extraordinária e um sorrisinho de triunfo nos lábios, Jacira se sentou em sua cadeira no meio da sala e ficou

apreciando o estranho, mas vitorioso combate. Depois desse dia em que descobriu seu poder e se sentiu tão bem, algo em Jacira mudou. Sutil, muito interior, algo que nem mesmo o capitão Dagoberto, com sua astúcia de ledor de fisionomias, percebeu de imediato. Algo que poderia ser traduzido como uma paixão quase natural pelo poder e a certeza de que, para chegar a ele, acharia o caminho certo, fosse pela astúcia, fosse pela força. (SILVEIRA, 2002, p. 187).

A passagem acima mostra o momento do reconhecimento de determinada potência por parte da personagem. O desejo e ambição pelo poder tem sido, historicamente, objeto do universo masculino, mas que passa a atrair Jacira. De acordo com Bobbio, (1999, p. 933) pode-se definir poder como “a capacidade ou possibilidade de agir ou de produzir efeitos” e “pode ser referida a indivíduos ou a grupos humanos”, como em determinado momento da narrativa quando a mulher manda as negras atizarem fogo de sabão aos índios no momento da invasão à fazenda. Tal atitude pode ser lida como forma de caracterizar as ações do poder de Jacira. Neste contexto, a personagem sente-se como uma mulher de autonomia, assume uma posição de liderança sobre seus jagunços e empregados. É nesse momento que ela se mostra como uma mulher empoderada.

A experiência de Jacira Antônia pode ser lida por uma associação com uma identidade que rompe estereótipos de que a mulher é incapaz, essa desconstrução é nítida após a viuvez da personagem. Contudo, é importante salientar que com o falecimento do marido, ela passa a constituir sua vida à sombra do personagem Dagoberto, como observado na citação: “Jacira cuidava para que tudo saísse como deveria. Repetia os gestos e atitudes do esposo; mais do que repetia, na verdade, adotara-os como seus” (SILVEIRA, 2002, p. 192-193).

Nesse contexto, cabe a dúvida de como Jacira pode constituir uma percepção de si mesma quando na verdade existe em função do outro? Ou seja, em continuar tudo como Dagoberto imaginava. Todavia, o empoderamento da mulher pode ser compreendido quando observamos no decorrer da narrativa que a personagem desconstrói paradigmas expostos pela sociedade, um deles é o de que a mulher não tem voz. Em oposição a essa visão social, a personagem passa a ter atitude de liderança, ordenando seus escravos a cumprirem suas ordens, como observado na assertiva abaixo:

Aqui nesta fazenda, que ele criou, ele não, morreu e não morrerá, não enquanto eu viver. Tudo continuará a ser feito exatamente do jeito como ele queria e mandava fazer. Ninguém há de mudar nada, uma palha sequer. E vocês todos continuam a ser da fazenda do capitão Dagoberto, os homens e mulheres do capitão Dagoberto. “Até eu morrer” (SILVEIRA, 2002, p. 192).

A identificação das mulheres viúvas no princípio da República deveria seguir o respeito e o recato, dedicando-se à memória do esposo falecido. É importante destacar que a personagem se torna fiel ao matrimônio, pois mesmo após a morte do esposo, ela usa a cor preta como luto até o fim de sua vida e não se casa novamente.

Esse era o aspecto social esperado pela sociedade no final do século XIX, quando a imagem da mulher e a sua condição era direcionada a uma visão tradicional exigida não somente pela Igreja, mas por uma sociedade patriarcal. Apesar do patriarcalismo marcar a história da sociedade, a mulher que foi vista como inferior e submissa ao homem, faz com que a sua capacidade intelectual seja vista no meio cultural em que vive. Isso ocorre porque Jacira mostra a conquista da sua expressividade ao passar por um processo de construção de identidade. Desse modo, o comportamento recatado e do lar, relacionado à visão conservadora das práticas sociais exigido pela época, não foi seguido por ela. Isso é observado na citação abaixo, quando a protagonista recusa atitudes femininas e usa características masculinas ultrapassando leis e lugares atribuídos à mulher na sociedade:

De madrugada, já partia, como antes partia o capitão, a fazer a ronda da fazenda e suas inúmeras tarefas. Fazia tudo como o vira fazer tantas vezes e aprendera. Usava o mesmo chapéu do marido, que com artifício especial conseguira fazer com que se firmasse bem em sua cabeça menor, e lá ia ela, em seu traje preto de viúva, feito com pouco pano para não atrapalhar a montaria, o dia todo cercada pelos homens do capitão (SILVEIRA, 2002, p. 192).

O comportamento de Jacira após a viuvez é ousado e transformador, após usar a experiência masculina como propósito de emergir e avançar além das fronteiras do lar, ela ocupa um lugar maior no contexto em que vive. Desse modo, consegue deixar suas marcas e características, mostrando-se à frente de seu tempo.

Na partida dos visitantes, era ela outra vez quem comandava a escolta dos viajantes, acompanhando-os até a saída de suas terras. Quando eram vizinhos que vinham de visita, ela os recebia, como antes os recebia Dagoberto, cheirando rapé sentada na rede da varanda, de onde presidia as cortesias que o marido costumava

dispensar e dava sua opinião sobre o assunto em pauta. (SILVEIRA, 2002, p. 193-194).

Através da citação acima, observamos que a personagem adota uma personalidade masculina, precisamente a do seu marido, assumindo a identidade dele. Nesse sentido para Cavalcanti, (1993), na ansiedade da busca de aceitação social e de sua identidade, a mulher nega a sua própria natureza e sem perceber, se submete a assumir uma identidade falsa, que lhe é atribuída, para se sentir aceita e se adaptar na sociedade.

Esse aspecto de Jacira em repetir o modelo de masculinidade leva-nos ao livro *Grande Sertão: Veredas* (2005) de João Guimarães Rosa, quando Diadorim (Maria Diadorina) tem a intenção de lutar junto a Riobaldo para atingir seus objetivos, por isso se apresenta igual a ele com características masculinas. O disfarce de homem oculta sua personalidade feminina, porém foi preciso para entrar no bando de jagunços e poder ser respeitada. Desse modo, a semelhança entre Jacira e Diadorim é visível no momento em que essas mulheres passam a não exercer sua condição do lar e preferem adentrar no ambiente externo, no caso o território do sertão.

O hábito da autoridade exercida através das relações de poder também é uma afinidade. Contudo, a diferença entre as personagens femininas é que Diadorim se apaixona, surgindo desta maneira um conflito pessoal.

A estratégia utilizada pelas personagens femininas ao se fingir e aparecer vestidas como homens pode ser conhecida como uma performance que segundo Butler é constituída pela proliferação configurada do gênero. Nesse sentido, ela destaca que:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2016, p. 244).

Ao vestir-se de homem, Jacira faz-nos lembrar das várias mulheres guerreiras que no decorrer da história se vestiram de homem e adotaram personalidades masculinas para conseguir seus objetivos, como ocorre a Joana D'Arck ao liderar o exército francês na Guerra

dos Cem Anos, ou Maria Quitéria de Jesus, heroína militar brasileira da Guerra da Independência que se disfarçou de homem para poder lutar contra os portugueses nas guerras travadas no estado da Bahia.

No percurso histórico outras mulheres se disfarçavam de homem para se proteger de certos preconceitos ou até mesmo para se proteger das proibições impostas como poder estudar, pois o acesso à universidade era proibido. Com o tempo, observamos que até mesmo para serem reconhecidas como escritoras foi preciso que as mulheres usassem pseudônimos masculinos.

Esse método conhecido como “travestismo feminino” ou “disfarce de mulheres de menino”, foi adotado por Jacira como reação de defesa e também como forma de assumir a identidade do esposo. Essa incorporação da personalidade masculina talvez seja pelo fato de o feminino muitas vezes ser considerado sem direito, sem vez e voz na sociedade, por isso recorrem ao travestismo. De acordo com Montero (2007, p. 22):

O travestismo mais comum e admitido socialmente, ao qual as mulheres recorreram durante muitos séculos, foi o religioso, isto é: tornar-se monja. O convento para algumas mulheres foi também aquele lugar onde se podia ser independente da tutela varonil, e ler, e escrever, e assumir responsabilidades, e ter poder, e desenvolver, enfim, uma carreira.

Jacira transgrediu os estereótipos se posicionando, expressando e utilizando valores masculinos, desta forma ela se insere no espaço social. De acordo com Montero (2007, p. 23) “por trás da quase absoluta totalidade das mulheres que alcançaram o poder antes do século XX há um marido morto” É importante ressaltar que Jacira torna-se empoderada, fundamentada na tomada de decisões e de certas mudanças individuais que acontecem com ela a partir da viuvez. Assim, observamos que com a viuvez Jacira adquire mais poder ao definir objetivos:

Suas atividades se multiplicaram. Em alguns anos, tornou-se a mais poderosa fazendeira da região, e o que não conseguia no convencimento conseguia na astúcia ou na força, seu lema secreto, o lema que fazia assomar a seu rosto o sorrisinho de vitória quando, ao anoitecer, se sentava em sua cadeira na varanda, os pés mergulhados na água quente que a escrava vinha constantemente renovar para o lava-pés. Ali, ao lado da cadeira vazia do seu falecido mas eternamente presente capitão, ela ia jogando os sabugos de milho para queimar no tacho de cobre e lhe contando sem palavras o que havia conseguido em seu nome. (SILVEIRA, 2002, p. 194).

O comportamento acima descrito é típico de mulher que é capaz de tudo para conseguir o que deseja, ela usa

táticas que ajudam a conseguir seus objetivos. Nesse sentido, observamos que a postura de Jacira decorre não somente de conquistar autoridade, mas da sua necessidade de realização pessoal, mesmo encontrando-se numa época em que: “todos pensavam que o mundo era assim: o branco no mando, o escravo no trabalho, o índio e o bicho no mato” (SILVEIRA, 2002, p. 184).

A personagem consegue ultrapassar as barreiras consideradas preconceituosas a partir das quais a mulher devia se comportar como um indivíduo subordinado. Desta forma, ela exerce um papel adicional, quando desenvolve uma condição autoritária e autonomia inquestionável de poder absoluto. Entretanto, com a capacidade de governar com seus próprios meios, Jacira não hesita em suas metas. Nesse intento, o narrador destaca: “Essa era a vida de dona Jacira depois da morte do marido: comandar, astuciar, vencer” (SILVEIRA, 2002, p. 197).

A partir das características ardilosas desta personagem, que não se submete a valores constituídos, percebemos a resistência em se adaptar ao papel de gênero feminino que lhe é atribuído. O desfecho abaixo aborda a sua relação de poder quando usa o nome do marido ao tentar por meio de um diálogo próprio tirar um de seus jagunços da cadeia:

Não é teima, não, dona Jacira. É autoridade. Estou aqui para prender quem perturba a ordem e mandar para ser julgado na capital. É isso que estou fazendo.

Estou vendo, comandante, que o senhor é homem de autoridade. Só que a autoridade maior nesta região é a do capitão Dagoberto é capaz que o senhor não esteja sabendo.

Sei mesmo não, dona Jacira.

Então não seja por isso, comandante, que se é isso que está fazendo falta, o senhor logo ficará sabendo. Carece só aguardar (SILVEIRA, 2002, p.195-196).

Considerando os atos da personagem, o pensamento de Jacira reflete a forma que a autora vê e representa a questão do gênero na obra. Observa-se, através da posição da personagem no diálogo, uma mulher ousada, conhecedora do que não pode abrir mão, das suas limitações, desejos e do seu lugar, isso tudo tem a ver com a emergência de um empoderamento em torno dessa protagonista.

Considerações Finais

Atualmente, observamos uma evolução considerável, de vários trabalhos que englobam a crítica feminista e a igualdade de gêneros que ajudam a desmistificar a visão de submissão da mulher. Através dos movimentos de militância feministas e com a presença constante de escritoras mulheres na literatura, falando de suas próprias subjetivações observamos a redefinição do que é ser mulher, desta maneira essas mulheres saem do espaço submisso e passam a ser o sujeito.

Observamos que mulheres no século XXI, passaram a ser mais atuantes, mostrando-se insubmissas ao poder do patriarcado. Desse modo, em tempos de modernidade líquida, vivemos a era das mulheres que desejam mostrar o seu empoderamento como forma de transgressão.

A partir disso, a questão da identidade feminina e de sua construção tem sido discutida a partir de um viés de pensamento que discute a identificação de uma forma mais geral, como abordado por Bauman (2005) e Hall (2005). É nesse debate que separamos laços dos contextos tradicionais representadas na Literatura.

A identidade feminina através da transgressão é destacada como contrária a qualquer tipo de presunção que reflete regras tradicionais. Desse modo, as personagens colocam-se como sujeito quando buscam uma identificação melhor para si. Dessa maneira, elas resgatam a sua representação, através da sua vivência.

A se ver em relação ao outro, essas personagens refletem na sua identidade, a sua maneira de agir e de ser, transgredindo formas tradicionais de identificação do feminino exigidas pelo meio social. Ao sentirem que sua presença é importante, passam a agir e ter confiança em si mesmas quando se veem em relação ao outro. Desta forma, destaca-se o pensamento de Butler (2016, p.13): “a identidade é inalienável, mas só é possível quando alguém se insere em um grupo, quando se vê em relação a um outro”.

A tendência de mudança desenvolvida impulsionou-as de forma aberta na sua autotransformação, desta forma, ocorre uma metamorfose, pois elas sofrem transformações constantes no percurso de suas vidas. Por fim, essas ações transgressoras desenvolvidas pelas

personagens significaram para elas a conquista do seu espaço e a capacidade de fazerem suas próprias escolhas.

Referências

ARAÚJO, Emanuel. *A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia*. In: PRIORE, Mary Del (Org). *Histórias das mulheres no Brasil*. p.45-77. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Tradução Luis Guerreiro Pinto. 12. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAVALCANTI, Raissa de. *O Casamento do Sol com a Lua*. 3. ed, São Paulo: Cultrix. 1993.

GONÇALVES, Betânia Diniz. *Identidade feminina e a inserção no mundo do poder: uma análise psicopolítica*. Curitiba: Juruá, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERMANY, Ricardo; COSTA, Dartagnan Limberger. A necessária superação do modelo representativo hegemônico na construção do empoderamento social local. *Revista do Direito*, Santa Cruz do Sul, UNISC, v. 32, n.2, p.78-91, jul./dez. 2009.

KLEBA, Maria Elisabeth; WENDAUSEN, Agueda. *Empoderamento: Processo de Fortalecimento dos Sujeitos nos Espaços de Participação Social e Democratização Política*. Saúde soc., v. 18, n. 4, p. 733-743, 2009.

LEÓN, Magdalena de, Magdalena de. El empoderamiento en la teoría y práctica del feminismo. IN: _____(Org.). *Poder y empoderamiento de las mujeres*. Bogotá, Colômbia: Tercer Mundo, 1997, p.01-26.

MONTERO, Rosa. *História das mulheres: introdução*. Trad. Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras 2004.

SILVEIRA, Maria José. *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*. São Paulo: Globo, 2002.

TEREZA, I. LEAL, L.N. O novo perfil da mulher brasileira. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 08 mar. 2002.